

ARTE SEM LIMITES

CÔA &
SIEGA
VERDE



ARTE SEM LIMITES

CÔA &
SIEGA
VERDE

EXPOSIÇÃO

LISBOA | JULHO - OUTUBRO '22
MADRID | NOVEMBRO '22 - FEVEREIRO '23

ORGANIZAÇÃO

Junta de Castilla y León e Fundação Côa Parque

PARTICIPAÇÃO

Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa), Museu de Arte Popular (Lisboa) e Museo Arqueológico Nacional (Madrid)

FINANCIAMENTO

Interreg Espanha-Portugal | Programa Paleoarte | Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional

EXPOSIÇÃO

Comissários

Thierry Aubry | José Javier Fernández Moreno | André Tomás Santos | Cristina Vega Maeso

Projeto

byAR – Pedro Pereira | Patrícia Ferreira | Saeideh Shekoohi

Design

byAR – Pedro Gonçalves | Teresa Monteiro | Pedro Matos | Thierry Aubry | Jorge Sampaio

Produção

Stripeline – Helder Mata | Gonçalo Tomás
byAR – Alexandra Allen | Tiago Duarte | Ruben Rebelo | Pedro Teixeira | Alberto Flores
VPrint – Produção de imagem, Lda.

Réplicas

Morph – Geociências | 3D Factory | Pedro Cura | Thierry Aubry | Jorge Sampaio | Marcos Terradillos

Tradução de textos

EURO-TEXT Traductores e Intérpretes

Fotografias, decalques e desenhos

José Javier Alcolea González | Manuel Almeida | Beatriz Alonso | Thierry Aubry | Rodrigo de Balbín Behrmann | António Fernando Barbosa | Julián Bécares | Carmen Cachom | Francisco Fabián García | Marcos García Díez | Pedro Guimarães | António Jerónimo | Miguel Angel Martín | Julián Martínez | José Javier Fernández Moreno | Marina Mosquera | Luciano Muncio González | Pedro Pereira | Alejandro Plaza | Mário Reis | Olívia Rivero | José Paulo Ruas | Agustín Ruiz | María de Jesús Sanches | André Tomás Santos | Pedro Saura | Joana de Castro Teixeira

Audiovisuais

El Maestro de Altamira AIE. | Morena Films Productions | Morph – Geociências | Plan C Creatividad sin límites S.L.

Ilustrações

Alexandra Allen

MUSEU DE ARTE POPULAR | LISBOA | PORTUGAL
MUSEU ARQUEOLÓGICO NACIONAL | MADRID | ESPANHA

Pessoas e Entidades Colaboradoras |

Mariana Abreu | Maria José Albuquerque | Miguel Almeida | Alicia Ameijenda | Marian Arlegui | Benito Arnaiz | Alberto Bescos | Carmen Cacho | Andrés Carretero Pérez | Joana Carrondo | Antonio Carvalho | Adriana Chauvin | Aida Carvalho | Hipolito Collado | Dalila Correia | David Cuenca | Pedro Cura | Pilar Fatás | António Batarda Fernandes | José Antonio Fernández de Córdoba | Verónica Fernández Navarro | Paulo Ferreira da Costa | Alejandro Fonseca | Ana Fraile | Ana Fromesta | Carlos García | Rita Gaspar | Sérgio Gomes | Isabel Leal | André Leitão | Carmen Manzano | Ana Belén Marín | Alexandra Marques | Santiago Martínez Caballero | Andrea Martins | Tania Mosquera Castro | César Neves | Marta Negro | Luís Nobre | Roberto Ontañon | Sofia Figueiredo Persson | Nuno Ramos | Ketty Ratero | Manuel Santonja | Filipa Santos | Marcelo Silvestre | Renata Talarico | Ignacio Triguero | Jesús Maria del Val Recio

Agência Portuguesa do Ambiente | Ayuntamiento de Castillejo de Martín Viejo | Ayuntamiento de Fuentes de Oñoro | Ayuntamiento de Villar de Argañán | Ayuntamiento de Villar de la Yegua | Direção Geral do Património Cultural | Hemeroteca de Castilla y León | Ministério da Cultura | Ministerio de Cultura y Deporte | Ministério da Economia e do Mar | Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior | Município de Figueira de Castelo Rodrigo | Município de Pinhel | Município da Mêda | Município de Vila Nova de Foz Côa | Turismo de Portugal | Fundación Siega Verde | ADECOCIR | Arqueologia e Património – Ricardo Teixeira & Vítor Fonseca Lda.

Entidades Prestadoras

Gobierno Principado de Asturias. Consejería de Cultura, Política Lingüística y Turismo. Dirección General de Cultura y Patrimonio | Gobierno de Cantabria. Consejería de Universidades, Igualdad, Cultura y Deporte | Junta de Extremadura. Consejería Cultura, Turismo y Deporte. Dirección General de Bibliotecas Archivos y Patrimonio Cultural | Servicio Territorial de Cultura y Turismo de Salamanca | Servicio Territorial de Cultura y Turismo de Segovia | Museo Nacional y Centro de Investigación de Altamira | Museo de Prehistoria y Arqueología de Cantabria | Museo de Segovia | Museo de Salamanca | Museo Numantino | Museo de Burgos | Museo de la Evolución Humana | Universidad de Cantabria | Universidad de Salamanca

CATÁLOGO

Coordenação

Thierry Aubry | José Javier Fernández Moreno | André Tomás Santos | Cristina Vega Maeso

Textos

José Javier Alcolea González | Thierry Aubry | Rodrigo de Balbín Behrmann | Julián Bécares Pérez | Primitiva Bueno Ramírez | José Javier Fernández Moreno | Luís Luís | Juan Antonio Martos Romero | Mário Reis | Olívia Rivero Vilá | María de Jesús Sanches | André Tomás Santos | Joana de Castro Teixeira | Carlos Vazquez Marcos | Jesús Maria del Val Recio | Cristina Vega Maeso

Design e paginação

byAR
Pedro Gonçalves

Impressão

Graficas EUJOA SA

© De la Edición: Consejería de Cultura, Turismo y Deporte. Junta de Castilla y León.

© De los textos e ilustraciones: los autores

ISBN

978-84-9718-714-5

Depósito Legal

VA 646-2022

In memoriam a Bruno Navarro

ARTE SEM LIMITES

CÔA &
SIEGA
VERDE

An abstract black line drawing on a dark gray background. The drawing consists of several thick, expressive black lines that form a central figure, possibly a person or a stylized animal, with a long neck and a head that is slightly tilted. The lines are somewhat irregular and textured, giving the impression of a hand-drawn sketch. The overall composition is minimalist and focuses on the play of light and shadow created by the black lines against the dark gray background.

ÍNDICE

- 007** Apresentação
- 013** Introdução
- 019** Grupos humanos no Vale do Douro durante o Paleolítico Superior e as primeiras manifestações artísticas
- 033** O Vale do Douro durante o Paleolítico Superior. Ambiente e modos de vida.
- 049** A arte paleolítica da bacia do Douro no contexto do Sudoeste europeu
- 067** Distribuição e contextualização da arte paleolítica ao ar livre dos conjuntos do Côa e Siega Verde.
- 081** Caracterização e evolução da arte paleolítica no Vale do Côa em Siega Verde.
- 097** Arte Finiglacial (Estilo V/Azilense). Caracterização das manifestações e contextualização dos conjuntos do Côa e Siega Verde.
- 113** Entre Espanha e Portugal. A arte esquemática na média e baixa bacia do Douro
- 135** As representações da Idade do Ferro no limite ocidental da submeseta norte: características e sua relação espacial e conceptual.
- 147** Pastores, moleiros e outras gentes. Arte rupestre de época histórica de ambos os lados da fronteira.
- 159** Vale do Côa e Siega Verde. Sítios do Património Mundial para visitar.



ARTE FINIGLACIAL (ESTILO V/ AZILENSE)

CARATERIZAÇÃO DAS MANIFESTAÇÕES E CONTEXTUALIZAÇÃO
DOS CONJUNTOS DO CÔA E SIEGA VERDE

P. Bueno Ramírez

Universidad de Alcalá

R. de Balbín Behrmann

Universidad de Alcalá

A. T. Santos

Fundação Côa Parque; UNIARQ - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

Th. Aubry

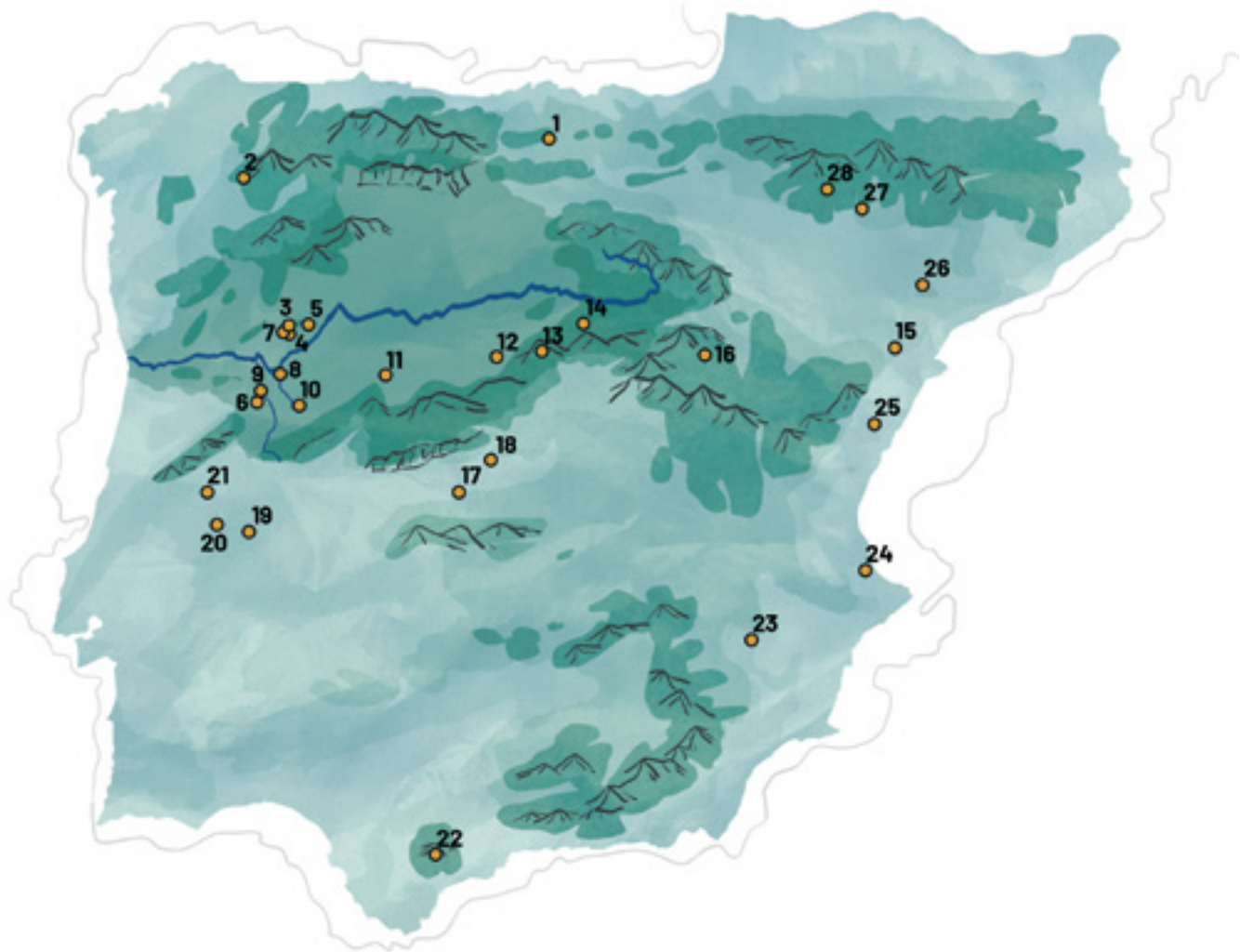
Fundação Côa Parque; UNIARQ - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

Até aos inícios da década de 90 do século passado, pensava-se que a arte figurativa pleistocénica terminava há cerca de 14.000 anos atrás. A partir daí, as manifestações gráficas resumiam-se ao repertório geométrico como o identificado sobre os seixos azilenses, uma cronocultura dos finais do Pleistocénico que apenas se identificava em França e no norte de Espanha.

Contudo, escavações levadas a cabo em diversos sítios franceses, como Murat, La Borie-del-Rey ou Pont d'Ambon vieram demonstrar que, pelo menos em França, existia arte móvel figurativa até ao final do Pleistocénico. Inclusivamente algumas figuras parietais da gruta de Gouy foram atribuídas a este momento. As suas características foram sendo definidas por vários autores, como Roussot, Lorblanchet, d'Errico ou Guy.

Na Península Ibérica, começaram também a aparecer alguns achados, como a placa de Saint Gregory que podiam ser atribuídas a esta época, o que levou alguns autores a identificarem nesses casos o "elo" entre a arte figurativa paleolítica e a arte levantina. Também algumas figuras do conjunto rupestre do Tejo eram atribuídas a um "Epipaleolítico" que era encarado já como Holocénico (ou seja posterior a cerca de 12.000 anos atrás).

O estudo e documentação do sítio ao ar livre de Siega Verde evidenciou a existência de imagens sobrepostas às do Paleolítico Superior, cuja interpretação se coadunava com a informação arqueológica dos sítios franceses referidos acima, com os dados que começavam a conhecer-se do Côa e com as cronologias C^{14} da Cova Palomera, localizada em Burgos. A correlação das datas obtidas nos sítios decorados ao ar livre com as mencionadas de França e de Cueva Palomera, permitiram caracterizar, em 2007, um conjunto único de imagens figurativas e geométricas, tanto na arte móvel como parietal, realizadas entre 14.000 e 8000 calBP na Península Ibérica.



- | | | | |
|--------------------------------|---------------------------|--------------------------|------------------------|
| 1 Cueva Palomera (Ojo Guareña) | 9 Fariseu | 17 Arroyo Manzanas | 25 Abric d'en Meliá |
| 2 Cova Eirós | 10 Siega Verde | 18 Covacho de la Higuera | 26 Grutas de El Cogull |
| 3 Pedra d'Asma 7 | 11 Paraje de la Salud | 19 Gruta de Maltravieso | 27 Abric del Ángel |
| 4 Cabeço do Aguilhão | 12 Domingo García | 20 Santiago de Alcántara | 28 Gruta de Chaves |
| 5 Passadeiro | 13 Gruta de la Griega | 21 Almourão | |
| 6 Faia | 14 La Peña de Estebanvela | 22 Gruta de La Pileta | |
| 7 Parada | 15 Abric del Ángel | 23 Abrigo de Minateda | |
| 8 Arroyo de las Almas | 16 Gruta de los Casares | 24 Gruta de Parpalló | |

Fig. 1. Distribuição dos sítios com manifestações artísticas finiglaciares referidos no texto.

Parte destas imagens são pequenas figuras incisas com traços incisos no interior ou preenchimentos geométricos, com corpos alongados ou globulosos sempre fora das proporções da arte paleolítica clássica, com patas mal terminadas e sem detalhes anatómicos à exceção de armações ou crineiras. Outras figuras foram picotadas. Mantém-se temáticas e conceitos da arte paleolítica, como a disposição vertical de um animal debaixo de outro, os alinhamentos a partir de solos nunca representados, as acumulações e as sobreposições. Pequenas e de rápida execução, partilham suportes móveis e parietais com figuras animais de

estilo paleolítico e com figuras humanas. As datas das pinturas de Cueva Palomera ofereciam um contundente argumento para sustentar estas contemporaneidades, persistências e mudanças enraizadas na evolução dos grafismos dos caçadores magdalenenses. Estas cronologias foram confirmadas pela nova série de datações C^{14} obtidas pela equipa de A. I. Ortega. Outra gruta pintada com figuras negras deste estilo e cronologia documentou-se no Noroeste – Cova Eirós – ampliando-se assim os registos parietais e a extensão dos mesmos.

Um contributo fundamental para precisar as datações destas imagens procede das escavações no sítio do Fariseu, no Vale do Côa. As datações da sua camada 4 (por C^{14} , luminescência opticamente estimulada e termoluminescência) em torno dos 12.000 anos atrás, permitiram situar cronologicamente uma coleção de 85 peças gravadas e quatro pintadas, com um repertório figurativo, muito semelhante ao que se encontra em diversos painéis do Côa, de Siega Verde e de outras estações da bacia do Douro, confirmando-se assim a hipótese levantada pela equipa de Alcalá em 2007.

O impacto dos estudos nos sítios Siega Verde e do Coa levou à caracterização de imagens deste tipo na geografia ibérica e à integração nesta fase de parte da arte parietal do Levante, de algumas grutas cantábricas e andaluzas e das bacias do Tejo e Guadiana, bem como do Douro.

As extensas diacronias de utilização destes sítios, ao ar livre e em grutas, demonstram o valor dos marcadores gráficos nos territórios tradicionais dos caçadores-recolectores do Paleolítico no sul da Europa.

A ARTE MÓVEL DO FARISEU NO CONTEXTO DA PRODUÇÃO GRÁFICA DE FINAIS DO PALEOLÍTICO SUPERIOR DO VALE DO CÔA

O sítio encontra-se na margem esquerda do Côa, no sopé oriental da colina do Fariseu. O facto desta colina “entrar” pelo rio adentro e configurar um meandro permitiu proteger as camadas arqueológicas aí acumuladas da ação erosiva do rio que se verifica na generalidade do vale.

Na camada 4 foram recolhidos seixos de quartzito queimados cuja datação por termoluminescência demonstrou terem sido queimados há 11.000 ± 1100 , 10.800 ± 1700 e 11.800 ± 900 anos atrás. Nesta camada exumaram-se também ossos de animais, tendo dois deles sido datados pelo radiocarbono, e fornecido os intervalos temporais de, respetivamente, 12.675-12.207 e 11.801-10.780 anos atrás. No interior desta camada encontrou-se ainda um importante conjunto artefactual atribuível ao Azilense Recente, cuja presença no Vale do Côa é agora inegável. Estas datas, a par das características sedimentológicas da camada 4, demonstram que a sua formação ocorreu durante uma fase fria, que deverá corresponder ao último estágio do Pleistocénico, ocorrido imediatamente antes da transição ao Holocénico que se deu há cerca de 11.700 anos.

A série artística é constituída atualmente por 85 peças gravadas e 4 pintadas, tendo apenas 8 sido exumadas fora da camada 4 e duas delas em contexto claramente anterior. Tratam-se de dois seixos com vestígios de pigmento que atestam a sua utilização numa fase Magdalenense da ocupação do sítio. Estas 89



Fig.2. Arte parietal: bovinos de pequena dimensão e grande antropomorfo, pintados de vermelho, do sítio da Faia, Vale do Côa (segundo Bueno *et al.*, 2007, fig. 9. Fotografias de Rodrigo de Balbin).

peças devem ser apenas uma pequena amostra do que se encontrará no sítio, uma vez que só se escavou uma área de menos de 10% do mesmo.

As peças pintadas correspondem exclusivamente a seixos. Num deles, em quartzito identifica-se um antropomorfo definido através da remoção, por raspagem, de uma camada de pigmento vermelho previamente aplicada sobre o seixo. A mesma técnica foi identificada, graças ao programa D-strecht – uma tecnologia que permite a análise colorimétrica das reproduções fotográficas digitais –, num outro seixo, desta vez de granito. Aí observa-se uma figura humana esquemática associada a um possível cervídeo, uma composição que lembra algumas peças coevas do Riparo Dalmeri, em Itália.

A criação de um fundo vermelho sobre o qual se definem em seguida os motivos parece ter o seu correlato nas peças gravadas, encontrando-se um número considerável delas queimadas numa fase anterior à sua gravação. Todas as peças gravadas correspondem a xistos, e ainda que possam aparecer sob a forma de seixos, a maior parte corresponde a placas e plaquetas.

Embora se detetem alguns picotados isolados ou formando agrupamentos em forma de círculo, na maior das peças apenas se detetem incisões finas. A maioria do repertório é de carácter não figurativo, destacando-se as formas lineais, como ocorre um pouco por todo Sudoeste Europeu ao longo deste período, mas aparecem igualmente algumas formas complexas como reticulados e formas ovais preenchidas interiormente.

Identificaram-se 92 motivos figurativos. A larga maioria destes corresponde a cervídeos, que são re-

presentados na forma de machos e fêmeas e em diversos estádios do seu desenvolvimento, desde cervatos, varretos e adultos. Seguem-se os caprinos, os auroques, os cavalos e os antropomorfos. Estas figuras apresentam corpos muito geométricos, geralmente preenchidos interiormente por traços incisos, membros lineares ou com distinção entre coxas triangulares e canelas lineares. Não se descobrem quaisquer detalhes anatómicos nem nas cabeças nem nos corpos. Os membros e armações dos animais aparecem usualmente numa perspectiva torcida ou semitorcida relativamente à disposição dos seus corpos, invariavelmente em perfil absoluto. No caso dos humanos, as perspectivas frontais dominam.

Esta coleção no contexto estratigráfico preciso do Fariseu foi importantíssimo para datar com precisão figuras semelhantes que se encontram em mais de 500 rochas distribuídas por 52 sítios do Vale (Fase 4 do Côa), como se referiu no capítulo anterior. Ela permitiu também incluir nesta fase figuras que tradicionalmente se atribuíam a períodos mais recentes da Pré-história, como sejam algumas figuras humanas e animais da Faia.

Como acontece na arte móvel, a arte rupestre deste período é, no Vale do Côa, dominada pelos cervídeos, a que se seguem os caprinos. Como se verá seguidamente, são estas igualmente as espécies dominantes da arte rupestre coeva dos restantes sítios da bacia do Douro. Seguem-se os cavalos e os peixes. Só depois surgem os auroques e mais atrás as figuras humanas.

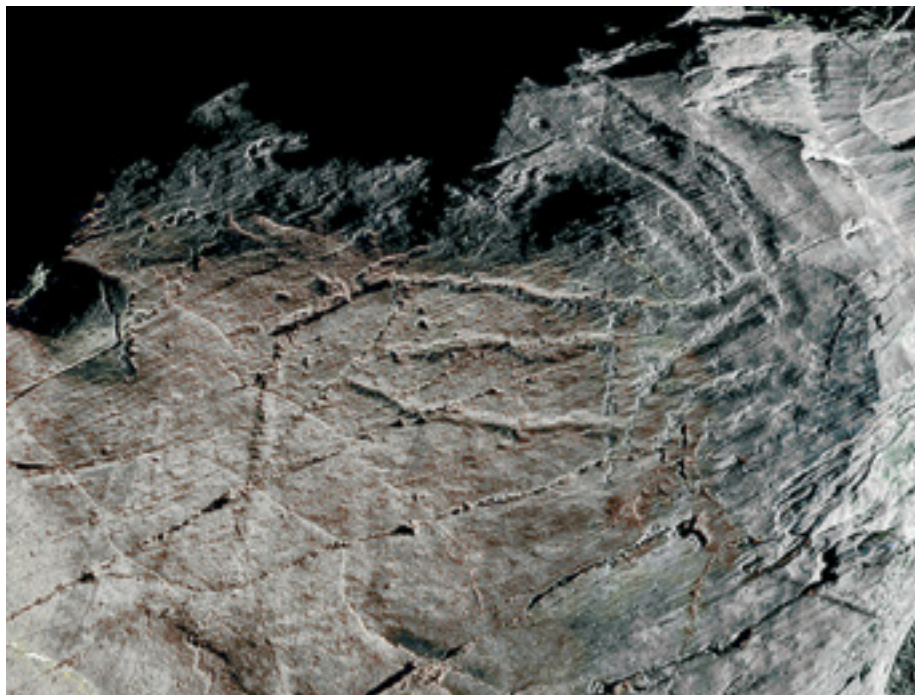


Fig.3. Arte parietal: em cima, cabra picotada do Zêzere (Fotografia do Museu do Fundão); em baixo, veado picotado do Passadeiro (segundo Sanches e Teixeira, 2014. Fotografia de Joana C. Teixeira).



Fig.4. Arte parietal: à esquerda, triângulos de linhas incisas do abrigo do Vale de José Esteves (Vale do Côa) e cervo da Vermelha (Vale do Côa)(Fotografia de Rodrigo de Balbín).

OUTROS SÍTIOS COM ARTE FINIGLACIAL NA BACIA DO DOURO

No sector português da bacia do Douro identificaram-se mais estações decoradas, designadamente no Vale do Sabor. Uma destas estações – Pedra d’Asma 7 – é composta por figuras incisas muito semelhantes às da fase 4 do Côa: um caprino inciso e oito figurações de tipo geométrico. Na mesma zona conhecem-se outras representações picotadas que foram atribuídas ao Holocénico, mas algumas, como o veados do Cabeço de Aguilhão e do Passadeiro, assim como as figuras de Parada, poderão ser mais antigas.

A zona central e oriental do Vale do Douro concentra, como se referiu, boa parte dos sítios decorados paleolíticos. Pelo menos dois sítios ao ar livre, Siega Verde e Domingo García, duas grutas, Cueva Palomera e La Griega, para além de uma coleção de arte móvel significativa no abrigo de Estebanvella e de algumas peças isoladas.

Em Siega Verde, as pequenas figuras e signos finiglaciares detetaram-se tanto nas áreas mais antigas do sítio, como nas mais recentes, revelando uma intenção clara de apropriação de todo o conjunto gráfico, que seria mais visível que na atualidade. Os achados incrementaram-se, tornando-se necessário atualizar a quantidade, a localização e variedade destas imagens. Dos novos achados, o painel mais completo encontra-se ao início do caminho que baixa até à ponte do rio Águeda, numa posição mais alta e visível que a maio-



ria dos painéis do sítio. Também se identificaram algumas figuras isoladas em pequenos painéis. Outras localizam-se perto do solo atual, o que dificulta a sua deteção e confirma a necessidade de intervenções arqueológicas.

Novos sítios localizados no entorno de Siega Verde apontam para uma organização semelhante à do Côa. O sítio de La Salud (no vale do Tormes) tem uma rocha com signos geométricos sobre um cavalo picotado paleolítico, uma sobreposição documentada no painel 48 de Siega Verde. Estas sobreposições aparecem também no sítio de Arroyo de las Almas, onde se conhecem também painéis exclusivamente gravados com figuras de estilo V. Os dois sítios são provavelmente maiores, havendo necessidade de os prospetar intensivamente.

Domingo García, em Segóvia, apresenta vários núcleos decorados que se podem seguir até à serra de Guadarrama, apontando, de novo, a modelos como os do Côa, o que há que confirmar. Imagens de estilo V sobrepõem-se a figuras paleolíticas, ainda que muitos dos painéis com pequenas figuras incisas requeiram ainda um estudo pormenorizado, como, aliás, o resto do sítio.

A arte parietal cavernária tem a sua mais conhecida evidência nas já mencionadas pinturas de Cueva Palomera. Na gruta de La Griega, algumas figuras relacionam-se com este conjunto, destacando-se alguns quadrúpedes com preenchimentos geométricos, assim como signos triangulares.

Estebanvela é um abrigo da província de Segóvia. Os seus materiais decorados repetem as associações documentadas no sul de França de con-

Fig. 5. À esquerda, arte parietal: conjunto de linhas incisas em ziguezague de Siega Verde (Fotografia de Rodrigo de Balbín); à direita, arte móvel: placa 44 da camada 4 do Fariseu (Vale do Côa); zoomorfo com banda superior com preenchimento geométrico (Fotografia de José Paulo Ruas).



Fig. 6. Em cima, arte parietal: peixes incisos do painel 48 de Siega Verde (Fotografia de Rodrigo de Balbín); em baixo, arte móvel: antropomorfo inciso da placa 4 do Fariseu, com linhas verticais associadas a uma cabeça semicircular (Fotografia de José Paulo Ruas).

vivência de figuras naturalistas, por vezes acompanhadas de elementos geométricos, imagens de estilo V e seixos azilenses. As datações destes níveis estão em linha com o documentado também além-Pirenéus.

Capríneos e cervídeos são os zoomorfos mais reiterados em Siega Verde, La Salud, Domingo García e Cueva Palomera, com menor presença em La Griega e em Casares. Alguns temas singulares, como peixes, aparecem em Siega Verde e no Côa, além de signos em forma de retângulos compartimentados e triângulos, ocasionalmente com terminações em *fil de fer*. Todos, sítios parietais e arte móvel, coincidem nestas temáticas e no protagonismo de temas geométricos, isolados ou associados a figuras naturalistas. Mas há uma temática que permite uma leitura nova dos registos do sul da Europa. Referimo-nos às figuras humanas, cuja antiguidade no Côa já assinalámos e que foi também confirmada pelas datações diretas da Cueva Palomera. Grandes antropomorfos de braços abertos com fórmulas que se perpetuam nas primeiras cerâmicas neolíticas, têm cronologias em torno dos 11.000 BP. Outras tipologias são plenamente esquemáticas, situando as mais antigas versões da arte esquemática ibérica nas culturas finiglaciais.

Em muitas destas estações, os grafismos mantêm-se em momentos mais recentes, confirmando a hipótese da continuidade e relevância das ocupações destes sítios ao longo da Pré-história.



SÍTIOS IBÉRICOS COM REPRESENTAÇÕES DE ESTILO V

A presença desta arte figurativa em suportes parietais do resto da Península tem os seus registos mais amplos nos sítios ao ar livre do Tejo e do Guadiana, além do Levante, Andaluzia e Região Cantábrica.

A proximidade territorial e cultural da bacia do Tejo com a do Douro é indiscutível, pelo que Los Casares pode-se assimilar a este âmbito. Como as referências a peças móveis de Maltravieso (Cáceres), covacho de La Higuera e seixos azilenses de Arroyo Manzanas (Madrid), assim como as cavidades da área de Patones, também em Madrid, ou o conjunto mais vasto de Guadalajara. Os seixos pintados de Arroyo Manzanas, já no curso do Tejo, confirmam o papel dos seixos azilenses no interior ibérico. O que se conserva melhor apresenta linhas onduladas em vermelho misturado com negro de carvão e está associado a uma cronologia C^{14} do 9.º milénio antes do presente.

Los Casares contribui com informação atualizada. A decoração de um painel, no Seno A, com pequenas figuras incisas de cavalos, antropomorfos e signos, relaciona-se com o contexto arqueológico escavado a seus pés, agora em estudo.

As gravuras ao ar livre do Tejo, como as do Guadiana e do Douro, distribuem-se pelos dois lados da fronteira. Estes sítios são coevos, como sucede na

Fig. 7. Arte parietal: à esquerda, cena do painel 48 de Siega Verde, com três capríneos incisos dispostos em coluna; à direita, cavalo pintado e repintado com pigmento vermelho, de Almourão, Tejo português (Fotografias de Rodrigo de Balbín).

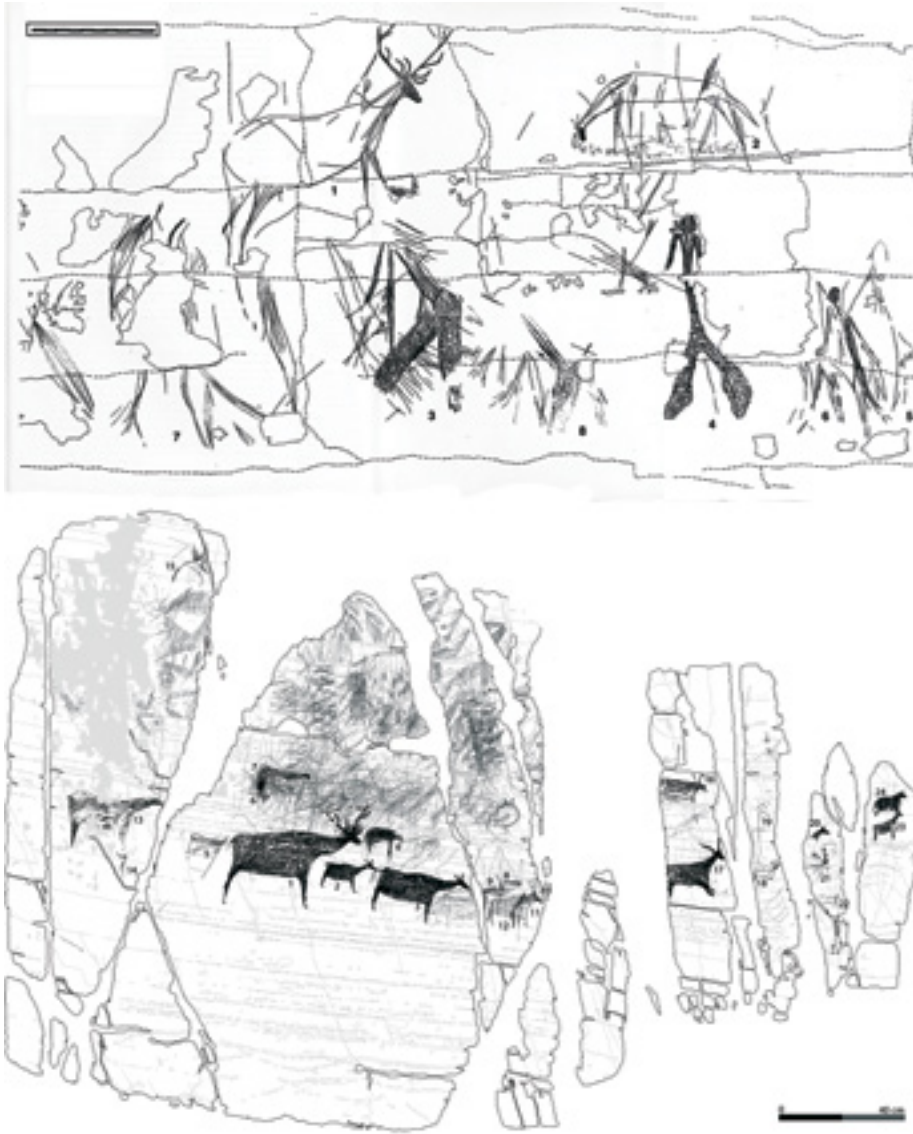


Fig.8. Decalques de dispositivos parietais datados de entre 14.000 e 8.000 BP.

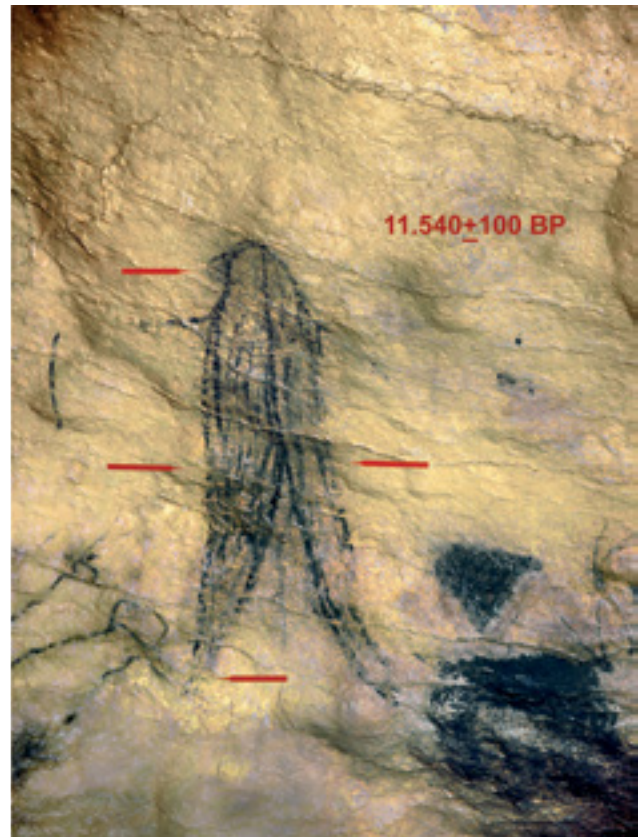
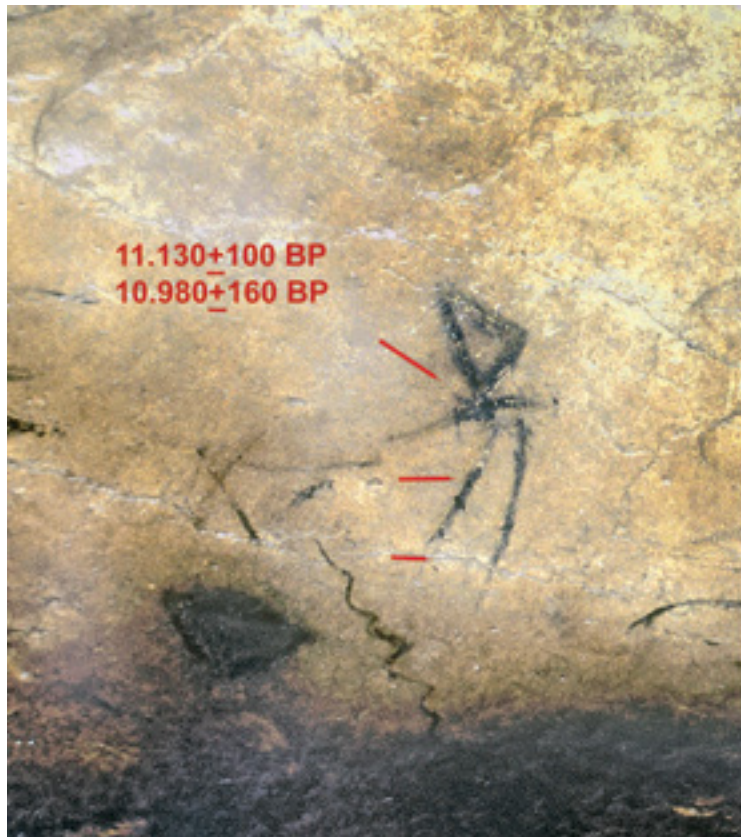
Em cima – Painel com gravuras incisas do Barranco del Angel, segundo Utrilla e Villaverde, 2004.

Em baixo – Abrigo do Vale de José Esteves (decalque de Fernando Barbosa, publicado em Santos, 2019, fig. 154).

Andaluzia e no Levante, de um abundante inventário de arte pintada que não pode, nem deve, tratar-se de forma isolada da totalidade de manifestações gráficas do mesmo estilo. Prova disto é o pequeno cavalo pintado do abrigo de Almourão, que se situa num sector topograficamente destacado, sobre as rochas do rio com gravuras picotadas e incisas destas cronologias. A zona espanhola requer ainda alguns esforços de prospecção que, a avaliar pela que foi feita até ao momento, pode dar resultados muito positivos. É o caso dos trabalhos realizados em Santiago de Alcântara (Cáceres) que conduziu ao achado de gravuras nas rochas próximas do rio e de pinturas paleolíticas, de estilo V e esquemáticas, nos abrigos da pré-serra do sector. Também em Toledo se assinalaram rochas com gravuras paleolíticas, além de esquemáticas, em sítios que requerem uma documentação sistemática. Os seus abrigos pintados sugerem ocupações desta fase, como também sucede nos abrigos de Madrid e, sobretudo, de Guadalajara, alguns dos quais se relacionam com a denominada levantina, apresentando imagens pintadas que se encaixam nos conjuntos gráficos que temos vindo a descrever.

O Guadiana espanhol dispõe de gravuras ao ar livre, com representações incisas de pequeno tamanho que têm os seus exemplos mais ricos e variados na área portuguesa. Como no Tejo, também existem abundantes abrigos pintados, ainda que sejam necessários estudos mais pormenorizados para estabelecer relações entre umas e outras manifestações.

Na Andaluzia também aumentou a informação sobre as decorações relacionadas com estes episódios posteriores ao Paleolítico Superior. Em abrigos pintados ao ar livre, em rochas gravadas ao ar livre ou no interior de grutas paleolíticas, um repertório feito de imagens semelhantes às que temos vindo a assinalar, também existe no sul da Península. Começaremos por referir as novas descobertas na gruta de La Pileta (Benaoján), por se tratar de figuras pintadas a negro que estão a aguardar datações diretas. Cervídeos e capríneos



com preenchimentos lineais ocupam alguns painéis desta gruta, cuja sequência gráfica é única na Europa, devido à sua diacronia, conservação e qualidade das figuras.

Outras grutas paleolíticas conservam imagens incluídas neste repertório. Destaque-se o protagonismo das duplas linhas sinuosas que conhecemos em seixos azilenses ou em alguns painéis cantábricos e, que na Andaluzia, também se estão a documentar em abrigos pintados ao ar livre. Os seus nexos formais com alguns temas emblemáticos da chamada arte macroesquemática têm sentido, pois algumas das figuras humanas desta versão detetam-se em seixos do sítio de Mas d'Azil ou nos de Chaves e El Esplugón.

A riqueza de abrigos e grutas decoradas neste amplo território aconselha ao empreendimento de um estudo intensivo desta fase, que deve incluir o único sítio ao ar livre conhecido até ao momento – Piedras Blancas, em Almería. A sua rocha gravada é apenas um dos painéis de um sítio mais extenso que requer um estudo atualizado, como tivemos oportunidade de dizer à Junta de Andalucía.

O Levante tem numerosos abrigos para os quais, a partir da nossa proposta de 2007, se começou a aceitar uma fase finiglacial para as suas imagens gravadas, similares às já bem conhecidas do Ocidente. Abric d'en Meliá (Castellón) ou algumas de abrigos clássicos da arte levantina, como Cogul e outros,

Fig.9. Decalques de dispositivos parietais datados de entre 14.000 e 8.000 BP. Parte do dispositivo parietal da Cueva Palomera (Burgos). Decalque realizado a partir da informação de Corchón *et al.*, 1996, incluindo-se os resultados C^{14} , segundo Bueno *et al.*, 2007, figs. 13 a 16 (Fotografias de R. de Balbín).

são bons exemplos. Estudos atualizados como os do abrigo grande de Minateda contribuem, com novos dados, para uma leitura renovada da chamada arte levantina. As formas, técnicas e dimensões da arte parietal do Levante coincidem com a arte móvel que foi sendo publicada na zona desde finais do século XX, em sítios com as mesmas datas que as do ocidente ibérico ou do sul de França. E, inclusivamente, também aí se deteta a convivência, já assinalada, entre estas figuras com seixos azilenses e figuras naturalistas. São muitos os sítios que poderíamos citar cujas imagens pintadas e em movimento se encaixam sem dificuldade nesta leitura. Destacaremos dois por disporem de evidências contextuais para a sua arte parietal e móvel. Referimo-nos ao Abrigo del Ángel (Huesca) e ao conjunto de arte móvel da gruta de Parpalló (Valencia). O primeiro revela a associação entre zoomorfos alongados e zoomorfos naturalistas com figuras humanas de distintas formas, destacando-se as de caçadores clássicos da arte levantina. As escavações da equipa de Utrilla fixam para o sítio cronologias C¹⁴ entre 11.000 e 8.000 BP. A vasta coleção móvel de Parpalló inclui um repertório do Magdalenense superior final, parte do qual oferece referências gráficas relacionáveis tanto com as placas de temas geométricos de tradição azilense, como com os animais de corpos alongados e proporções próprias do estilo V, a par de figuras naturalistas com preenchimentos geométricos.

As coleções móveis de Chaves e El Esplugón procedem de sítios com ocupações epipaleolíticas/ mesolíticas e do Neolítico antigo, consistindo um sólido argumento quanto à permanência e evolução de algumas das temáticas de tradição paleolítica na configuração simbólica dos primeiros grupos de produtores.

As datações diretas de pinturas em grutas cantábricas enquadráveis neste intervalo cronológico foram tradicionalmente descartadas, como foram as de Cueva Palomera. Mas algumas documentações recentes certificam-nas, como é o caso de Tito Bustillo, abrindo expectativas para uma necessária atualização destes registos. A isto, soma-se a probabilidade de existirem sítios ao ar livre, como sucede no Interior peninsular.

Grutas, sítios ao ar livre e arte móvel apresentam desiguais níveis de informação nos territórios peninsulares. São convincentes pontos de partida para uma investigação mais exaustiva desta fase, com enorme potencial devido à sua representação quantitativa e à variedade de suportes reconhecidos na Península.

Capríneos e cervídeos predominam nas representações do leste, por vezes acompanhados de signos em *barbelure*. Proliferam igualmente os temas geométricos, destacando-se, na Andaluzia, as linhas duplas sinuosas, de assinalável protagonismo nos seixos azilenses e que também têm o seu papel em alguns suportes parietais da chamada arte macroesquemática. Figuras humanas em perfil e em movimento, algumas delas acompanhadas de arcos, além de uma variedade de fórmulas, entre as quais há que incluir personagens disfarçados de animal, vistos de perfil, com os braços dobrados até acima e o sexo masculino claramente destacado, de tradição paleolítica, alcançam estas datas no Interior ibérico, conforme sucede em lugares emblemáticos como Mas d'Azil.

REFERÊNCIAS NO RESTO DA EUROPA PARA A CONTINUIDADE DA ARTE PALEOLÍTICA

Assinalámos que as estratigrafias dos sítios franceses escavados por Lorblanchet, forneceram as primeiras cronologias (recentemente confirmadas pela equipa de Langlais) para estabelecer a continuidade da arte figurativa associada às versões esquemáticas dos seixos azilenses, ainda que o autor francês negasse a sua ocorrência parietal.

Uma vista rápida às representações gráficas desta fase no norte da Europa assegura-nos que não há nenhuma ruptura entre os temas e técnicas de um Paleolítico que se considerou exclusivamente móvel e que agora também dispõe de alguns casos em gruta do maior interesse. A zona mais fria do continente não teve as ausências populacionais e culturais cujas sequências e relações se discutem na zona de clima mais ameno, o sul, onde esta hipótese deixou uma marca historiográfica mais forte.

É reveladora a sequência de figuras de tipo “Vénus” que se pode seguir na Europa continental desde finais do paleolítico Superior até ao Neolítico. A esta leitura de longa diacronia, junta-se a evidência de pequenas figuras realizadas em barro desde o Paleolítico Superior, matizando-se assim com outro argumento (o da matéria-prima utilizada), as tradicionais fronteiras assumidas entre a tecnologia dos grupos de caçadores-recolectores e os primeiros produtores. A utilização da madeira dispõe de espetaculares exemplos escultóricos, como a estátua de Sighir, de notáveis dimensões e com abundantes decorações geométricas. As datas de C^{14} situam-na entre 11.000 e 12.000 calBP.

A estas e outras novidades do norte e centro da Europa, junta-se a ampliação dos registos nas áreas clássicas da arte paleolítica europeia. Em França, a escavação do abrigo de Rocher de l'Imperatrice, na Bretanha, revelou que este não só corresponde a um novo sítio com arte móvel de grande qualidade que inclui seixos azilenses, plaquetas com decorações geométricas e figuras naturalistas associadas a geométricas, como é um sítio atlântico inesperado que consolida os dados do Noroeste ibérico e augura futuras descobertas. A atualização dos sítios do Maciço Central francês conduz à multiplicação de figuras deste estilo, incluindo a representação de um veado pintado com indubitáveis reminiscências dos conjuntos rupestres bem conhecidos do norte da Europa.

Mais interessantes são os avanços da revisão da gruta de Mas d'Azil. A sua abundante arte móvel não parecia ter correspondência na sua arte parietal, mas esta ideia está a mudar fruto de novidades no sítio, ainda em fase de estudo.

Também os sítios italianos estão a dar origem a estudos mais completos das suas manifestações parietais, tanto em abrigos ao ar livre como em grutas. A estas referências junta-se a arte móvel descrita por d'Errico e Possenti nos anos 90, enriquecida com importantes coleções como a do Riparo Dalmeri ou as de Vila-bruna, com a sua cronologia ratificada pelos restos humanos do enterramento ao qual se associam — ca. de 14.000 BP.

Em Dalmeri, veados e cabras pintadas com corpos globulosos ou alongados com preenchimentos interiores lineares, em movimento ou mais estáticos, juntam-se a representações geométricas de tradição paleolítica, como

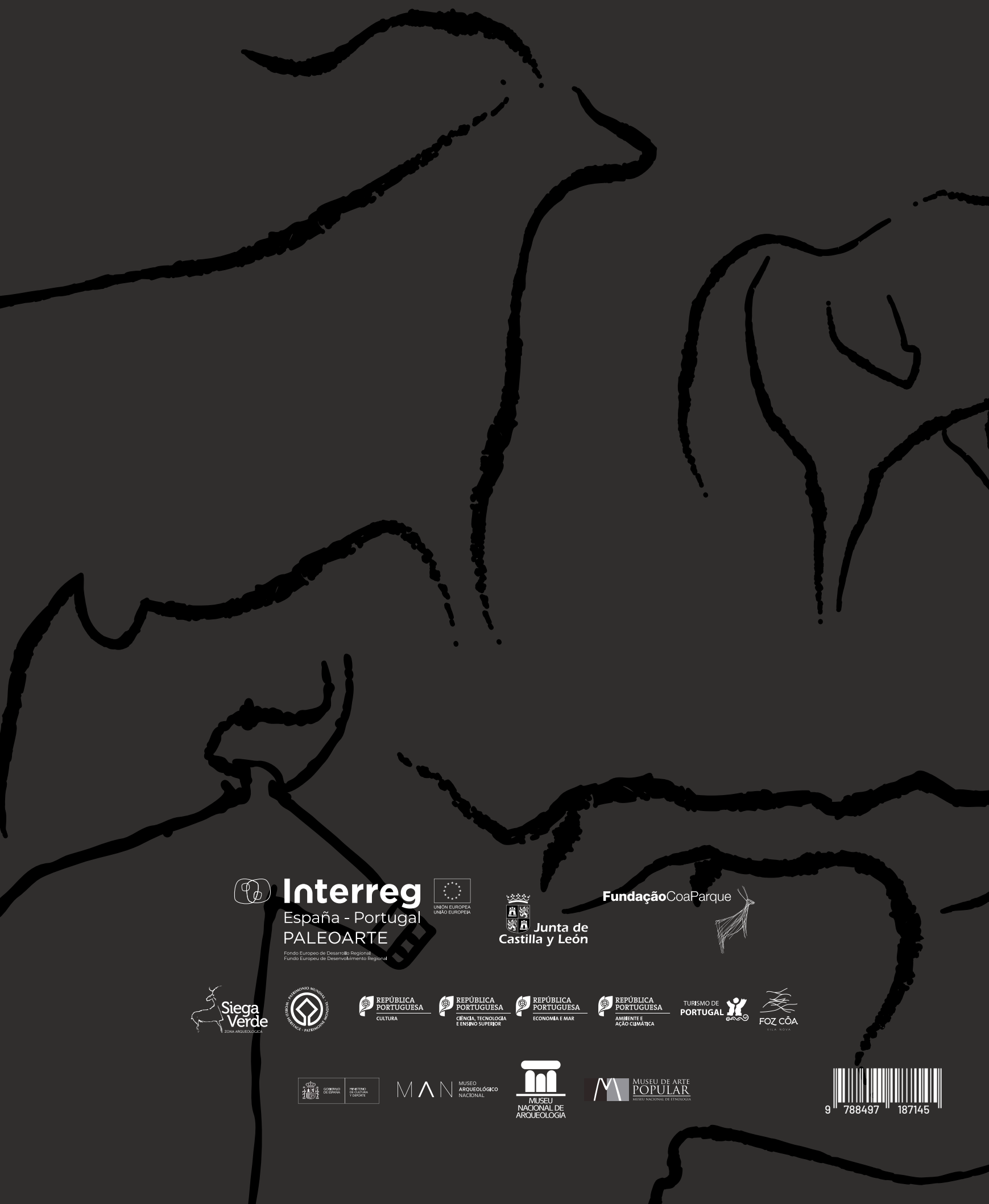
triângulos e linhas sinuosas, assim como a figuras humanas assimiláveis à arte esquemática, revelando aspetos muito próximos aos casos ibéricos que descrevemos acima.

Entre os grupos de caçadores do final do Paleolítico Superior e o Neolítico, não houve uma desapareição de populações nem das suas expressões gráficas. O aumento demográfico que se observa no Magdalenense, refletido também nas decorações parietais que atingem o seu auge neste momento, é inquestionável. Os repertórios gráficos brevemente descritos advogam pela continuidade e transformação dos temas e técnicas dos caçadores do Paleolítico Superior final, inclusivamente dos seus territórios. Ainda falta muito trabalho para dispormos de cronologias mais finas entre os 14.000 e os 8000 BP, mas o caminho iniciado a partir da prática de uma arqueologia da arte pré-histórica com fundamentos científicos, é o contributo mais notável das novas gerações à investigação de umas imagens que transformaram o conceito que tínhamos dos nossos antepassados nos inícios do século XX.

BIBLIOGRAFIA

- Aubry, T. et al. (2017): "Existe Azilense em Portugal? Novos dados sobre o Tardiglaciário e o Pré-Boreal no Vale do Côa", in Arnaud, J. M., Martins, A. (eds.), *Arqueologia em Portugal 2017: Estado da Questão*, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses: 403-418
- Bueno Ramírez, P. (2009). "Espacios decorados al aire libre del occidente peninsular. Territorios tradicionales de cazadores recolectores y de productores". In R. de Balbín (ed.): *Arte Prehistórico al aire libre en el Sur de Europa*. Actas PAHIS, Junta de Castilla y León, 321-344
- Bueno Ramírez, P., Balbín Behrmann, R de (2009). "Marcadores gráficos y territorios tradicionales en la Prehistoria de la Península Ibérica". Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad de Granada 19: 65-100.
- (2016) "De cazadores a productores. Tradiciones y transiciones". *Del neolítico a la Edad del Bronce en el Mediterráneo occidental*. Estudios en Hom-enatge a Bernat Martí Oliver. TV Saguntum, Valencia: 465-480
- (2021). "Arqueología del Arte Prehistórico Ibérico. El arte postglaciario como caso de estudio", in Bea M., Domingo R., Mazo C., Montes L. & Rodanés J. M. (eds), *De la mano de la Prehistoria. Homenaje a Pilar Utrilla*. Monografías Arqueológicas, Prehistoria 57, Universidad de Zaragoza, Zaragoza: 427-448.
- (2021) "The end of the Ice Age in southern Europe: Iberian images in the Palaeolithic to Post-Palaeolithic transition"; in Rodríguez-Álvarez X.-P., Otte M., Lombera-Hermida A. d., Fábregas-Valcarce R. (eds), *Palaeolithic of Northwest Iberia and beyond*:

- multidisciplinary approaches to the analysis of Late Quaternary hunter-gatherer societies. *Comptes Rendus Palevol* 20(44): 897-929
- Bueno Ramirez P., Balbín Behrmann R. de, Alcolea González J. (2007). "Style V dans le bassin du Douro. Tradition et changement dans les graphies des chasseurs du Paléolithique Supérieur européen» *L'Anthropologie*, 111, 549-589.
- Bueno Ramirez, P. et al. (2011): "Painting versus engravings: palaeolithic and postpalaeolithic rock art in the international Tagus –Sierra de San Pedro (Santiago de Alcántara and Valencia de Alcántara, Cáceres". In P. Bueno Ramirez, E. Cerrillo Cuenca, A. Gonzalez Cordero (Eds.): *From the origins: The prehistory of the Inner Tagus Region*, BAR International Series 2219, 7-22.
- Dalmeri, G., et al. (2011). "Riparo Dalmeri: le pietre dipinte dell'area ritual". *Preistoria Alpina*, 45, 67-117.
- Farbstein, R., et al. (2012). "First Epigravettian ceramic Figurines from Europe (Vela Spila, Croacia)". *PlosOne*, vol.7, issue 7, e41437
- Figueiredo, S. et al. (2020) "Analysis of portable rock art from Foz do Medal (Northwest Iberia): Magdalenian images of horses and aurochs". *Comptes Rendus Palevol* 19 (4): 63-77. (PDF) *The end of the Ice Age in southern Europe: Iberian images in the Palaeolithic to Post-Palaeolithic transition*.
- Gameiro, C.; et al. (2020), *Archaeology of the Pleistocene-Holocene transition in Portugal: Synthesis and prospects, Quaternary International*, 564: 113-137.
- Naudinot N.; et al. (2017) "Divergence in the evolution of Paleolithic symbolic and technological systems: The shining bull and engraved tablets of Rocher de l'Impératrice". *PLoS ONE* 12(3): e0173037.
- Ortega-Martínez A. I., Martín-Merino M. Á. García- Díez, M. (2020): "Palaeolithic creation and later visits of symbolic spaces: radiocarbon AMS dating and cave art in the Sala de las Pinturas in Ojo Guareña (Burgos, Spain)". *Archaeological and Anthropological Sciences* 12(240): 1-15
- Plonka, T. (2019). Human representations in the Late Palaeolithic and Mesolithic art of north-western Europe. *Quaternary International*
- Sanches, M. de J., Teixeira, J. C. (2014): "O abrigo do Passadeiro, Palaçoulo (Miranda do Douro). Um caso de estudo de gravuras rupestres dos inícios do Holocénico no Nordeste de Portugal", *Portvgalia*, 35, pp. 61-75.
- Santos, A.T. (2019). *A arte paleolítica ao ar livre da bacia do Douro à margem direita do Tejo Uma visão de síntese*. Associação dos Arqueólogos Portugueses LISBOA
- Santos, A. T.; Barbosa, A. F.; Luís, L.; Silvestre, M., Aubry, T. (2020): "Contributos para o conhecimento da arte rupestre do Vale do Côa. Novos dados sobre o Vale de José Esteves (Vila Nova de Foz Côa, Guarda", *Côa-visão*, 22, 159-190.
- Santos, A. T.; Barbosa, A. F.; Aubry, T.; García Díez, M. Sampaio, J. D. (2018): "O final do ciclo gráfico paleolítico do Vale do Côa: a arte móvel do Fariseu (Muxagata, Vila Nova de Foz Côa", *Portvgalia*, 39, 5-96.
- Santos, A. T., Sanches, M. J., Teixeira, J. C., (2015). "The Upper Palaeolithic rock art of Portugal in its Iberian context". In: .P. Bueno Ramirez P, P.G. Bahn (eds) *Prehistoric Art as Prehistoric Culture. Studies in Honour of Professor Rodrigo de Balbín-Behrmann*. Archaeopress Archeology, Oxford, 123-133.
- Steelman, K. L.; et al. (2017). Cova Eirós: an integrated approach to dating the earliest known cave art in NW Iberia. *Radiocarbon*, 59(1), 151-164.
- Teixeira, J. C. (2016): "O abrigo de Parada, um sítio de arte rupestre do vale do Sabor (Alfândega da Fé, Bragança, Trás-os-Montes)", in Sanches, M. D. J., Cruz, D. J. D. (eds.), *Actas da II Mesa-Redonda. Artes rupestres da Pré-história e da Proto-História. Estudo, conservação e Musealização de maciços rochosos e monumentos funerários (Porto, Faculdade de Letras, 10, 11 e 12 de Novembro de 2011)*, Viseu: CEPBA [Estudos Pré-históricos, 18]: 41-70.
- Utrilla, P., Villaverde, V. (2004). *Los grabados levantinos del Barranco Hondo. Castellote (Teruel)*. Monografías del Patrimonio Aragonés. Zaragoza: Gobierno de Aragón.
- Zhilin, M., Savchenko, S., Hansen, S., Heussner, K., Terberger, T. (2018). "Early art in the Urals: New research on the wooden sculpture from Shigir". *Antiquity*, 92 (362), 334-350. doi:10.15184/aqy.2018.48



Interreg
Espanña - Portugal
PALEOARTE

Fondo Europeo de Desarrollo Regional
Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional




**Junta de
Castilla y León**

Fundação CoaParque



MAN MUSEO ARQUEOLÓGICO NACIONAL



MUSEU DE ARTE POPULAR
MUSEU NACIONAL DE ETNOLOGIA



9 788497 187145